

Uma voz plural em meio aos desafios contemporâneos brasileiros

A plural voice in the midst of Brazilian contemporary challenges

Una voz plural ante los desafíos contemporáneos brasileños

Entrevista

Jurema Pinto Werneck

Entrevistadoras



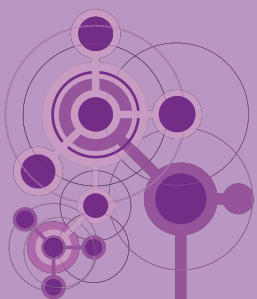
Maria Aparecida Ferrari

- Professora Associada II da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).
- Livre-Docente em Relações Públicas pela ECA-USP.
- Doutora em Ciência da Comunicação pela USP, com período de estudos na Universidade de Maryland, Estados Unidos.
- Mestre em Ciências da Comunicação pela USP.
- Graduada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP) e em Relações Públicas pela Faculdade de Comunicação Social Anhembi.
- E-mail: maferrar@usp.br



Sheila Prado Saraiva

- Mestre em Cultura de Paz, Conflitos, Educação e Direitos Humanos, com investigação em Gênero e Paz, pela Universidade de Córdoba (UCO), Espanha.
- Pós-Graduada em Gestão Estratégica da Comunicação Organizacional e Relações Públicas pela ECA-USP.
- Graduada em Comunicação Social com ênfase em Relações Públicas pela ECA-USP.
- Autora do estudo “Madres en cuarentena: una mirada hacia los desafíos del aislamiento social, a partir de las experiencias de las madres en teletrabajo, durante la pandemia de la COVID-19” (Córdoba, 2021).
- Consultora em Transformação Social, Gênero e Migração.
- E-mail: sheila_saraiva@yahoo.com.br



A oportunidade de conversar com a Dra. Jurema Pinto Werneck para a seção “Entrevista” da edição 41, além de nos proporcionar imensa alegria, trouxe uma tarefa desafiadora: como relatar toda a dimensão e relevância de seu trabalho em múltiplas frentes, como o ativismo social, a luta antirracista, os direitos humanos, as reflexões sobre a comunicação e o cuidado da saúde das mulheres negras? Como abordar todos os pontos tão bem colocados durante a conversa, preservando a fidelidade de seu pensamento, seu lugar de fala e, além disso, traduzir também o carisma da Dra. Jurema nas linhas desta entrevista?

Definitivamente, este espaço delimitado nos pareceu curto para a pluralidade do olhar, dos temas e de sua imensidão como ser humano, ativista e profissional.

Médica de formação e doutora em comunicação, foi cofundadora da organização não governamental (ONG) Criola, em 1992, instituição de referência que visa à defesa incondicional das mulheres afrodescendentes. Desde 2017, é diretora-executiva da Anistia Internacional no Brasil, onde trabalha pela defesa dos direitos humanos e lida com urgências sociais, como a defesa da Amazônia, a violência racial nas periferias e a pandemia de covid-19. Foi membro do conselho do Fundo Global para Mulheres, que direciona fundos para organizações lideradas por mulheres, e do Fundo de População das Nações Unidas, além de ter participado em inúmeras iniciativas de movimentos sociais.

Com uma longa trajetória na defesa da melhora das condições de vida e da saúde da mulher negra e comunidades periféricas, Dra. Jurema trouxe reflexões fundamentais para o entendimento da discriminação e violência às quais estão submetidas, como o estudo sobre esterilização dessas mulheres, que virou livro e referência para o entendimento de práticas absurdas como esta.

Para a nossa entrevistada, “enquanto racistas orgulhosos” estiverem no poder, o diálogo institucional fica inviabilizado. Não significa que o ativismo parou. Uma parte está na Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) e a outra, na academia, produzindo conceitos (Henrique, 2021).

Assim, seu ativismo pode ser entendido como um caleidoscópio, pela miríade de olhares, urgências a endereçar, com muitas respostas e, também, perguntas, que se cruzam e entrecruzam nas diferentes dimensões do contexto da sociedade brasileira.

Uma das inúmeras facetas do caleidoscópio surge no trabalho da Dra. Jurema quando aposta na formação de profissionais de saúde negros, muitos deles beneficiados pelas cotas raciais, uma vez que essa ação afirmativa pode permitir sua inserção no mercado de trabalho. Sua luz e seus sonhos tornam-se tangíveis tamanha é sua força e perseverança, principalmente quando diz: “não paramos de trabalhar, seguiremos em frente!”.

Sabemos que a luz e os sonhos da Dra. Jurema Werneck já são seguidos por muitas mulheres e, por isso, convidamos duas comunicadoras, ativistas e feministas negras, Gabriela Monteiro e Rosane Borges, que batalham pelas mesmas causas, para se juntarem a nós, neste momento único de conversa com a nossa entrevistada.

Gabriela Monteiro é ativista semiárida e educadora popular. Jornalista, especialista em gênero, desenvolvimento e políticas públicas e mestra em estudos de gênero, mulheres e feminismos, atuou em agências das Nações Unidas no Brasil, ingressando por meio de vagas afirmativas. É coordenadora executiva de Opará Saberes, iniciativa idealizada pela Dra. Carla Akotirene, com quem compartilha a gestão.

Rosane Borges é jornalista; doutora em Ciências da Comunicação; professora colaboradora do Colabor, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP); pesquisadora na área de comunicação, imaginários, política contemporânea,



relações raciais e de gênero; conselheira de honra do coletivo Reinventando a Educação; integrante do grupo Estética e vanguarda do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão (CTR) da ECA-USP; e articulista da revista Carta Capital e do blog da Editora Boitempo. É autora de diversos livros, entre eles: *Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro* (2004), *Mídia e racismo* (2012) e *Esboços de um tempo presente* (2016).

Sem dúvida, as questões trazidas por Gabriela e Rosane permitiram abordar questões sociais e raciais com profundidade e gerar um espaço qualificado de debate e reflexões junto à Dra. Jurema, o qual acompanhamos atentas, aprendendo muito deste encontro de mulheres ativistas, feministas e antirracistas.



Jurema Pinto Werneck

- Médica pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
- Mestra em Engenharia de Produção pelo Programa de Pós-Graduação de Engenharia do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppe/UFRJ).
- Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
- Cofundadora da organização não governamental Criola, em 1992.
- Diretora-executiva da Anistia Internacional Brasil desde 2017.
- Faz parte dos conselhos do Greenpeace, Criola, Vital Strategies Brasil, Instituto Marielle Franco e Fundo Brasil de Direitos Humanos.
- Integrou, até 2022, o conselho de diretores do Fundo Global para Mulheres.
- E-mail: jurema.werneck@anistia.org.br



ORGANICOM – *Considerando a obra* O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe (Werneck; Mendonça; White, 2006), organizada por você, Maisa Mendonça e Evelyn C. White, e o cenário epidemiológico atual brasileiro, o que mudou na pauta da saúde das mulheres negras brasileiras desde a referida publicação?

JUREMA WERNECK – A mudança é a voz. As mulheres negras não eram aceitas nas mesas de debate e de formulação de políticas públicas; na realidade, elas eram sistematicamente repelidas. Infelizmente, essa foi a única mudança. Os indicadores continuam sendo extremamente negativos para as mulheres negras do ponto de vista dos processos de adoecimento, liberdades, acesso ao trabalho e outros. A vida das mulheres negras continua sendo muito prejudicada pelos impactos do racismo. Aquele livro trazia uma visão da saúde que não se hegemonizou. Nele, havia um conceito de saúde muito próprio da cultura negra brasileira. Ali, as mulheres falam de saúde de uma outra perspectiva; fala-se da potência, de conexão com a cultura e tradições, além de angariar espaços de expressão como elemento da saúde. O que mudou depois do livro foi a percepção da ausência de mulheres negras nas mesas de debate para o estabelecimento de políticas públicas, principalmente sentida nos últimos anos de governo Bolsonaro. Essa reivindicação foi ouvida! “Nada sobre nós sem nós.” Mas ainda há muito caminho pela frente.

ORGANICOM – *Como o conceito de autodefinição pode ser um exercício de combate a esse adoecimento social atual, principalmente relacionado à desinformação?*

JUREMA WERNECK – Essa autoafirmação, que não é nada menos que falar em nosso próprio nome, é central na produção de saúde, porque é uma questão existencial, e continuará sendo um desafio enquanto houver racismo. Em um artigo, eu insiro uma provocação conceitual onde recorro ao termo “ialodê”, que é uma autodefinição antiga entre nós. Persistente ao longo dos séculos, continua presente em ambientes que só nós sabemos, porque transitamos pelas tradições e cultura. Em todos os processos culturais afro-brasileiros há lugar para a mulher negra, e é um lugar que não é subordinado. É isso que nos permite continuar confrontando o racismo e suas estratégias.

Ialodê é um termo honorífico dado a Oxum e a Nanã nas casas de candomblé, extraído da tradição afro-brasileira, como chave de leitura para deslocar os estereótipos das mulheres negras na historiografia.

ORGANICOM – *De que forma essas categorias africanas e originárias podem apoiar a luta das mulheres negras brasileiras, assim como a construção de processos organizativos que não dependam epistemologicamente do Ocidente?*

JUREMA WERNECK – Quando eu trago o termo “ialodê”, é para dizer isso. O subtítulo do livro, que vem do texto escrito por Fernanda Carneiro, “Nossos passos vêm de longe” (2010), traz a mesma chave organizativa. Para entender que não é o tráfico transatlântico, a tortura, ou a experiência do racismo que nos define e, sim, para garantir que existe uma história de lutas e que existe um sujeito político que se coloca na esfera pública antes da experiência da escravidão. Quando eu falo publicamente de “ialodê”, eu conto o segredo que era nosso. Mas, ao mesmo tempo, eu obedeco aos ditames da tradição, ou seja, expor. Quando eu digo “ialodê” e a outra pessoa entende, se dá conta da validade da expressão. Isso está na esfera pública e é valorizado. Também provoca o feminismo, porque essa tradição é anterior a ele, que possivelmente bebeu desta fonte, ou seja, aprendeu conosco.

ORGANICOM – *Você coloca no jogo algo fundamental. Existe uma frase que se atribui a Durkheim que diz que precisamos “estar à altura do nosso cotidiano”. É poética. Creio que não estivemos à altura do nosso cotidiano frente à ascensão do fascismo e à eleição de Bolsonaro, porque não usamos a dimensão do segredo ou do visível como categoria política para pensar em nossa história recente. Minha pergunta é: como você pensaria, considerando princípios, valores e cosmo percepção, a política atual? Como pensar na reconfiguração da política e de que maneira as novas gerações podem assumir essa tarefa como urgente?*



JUREMA WERNECK – Um dos desafios da minha geração é ensinar a nova geração a ter olhos de ver, entender o segredo que está sendo descortinado na frente deles; é um elemento fundamental para as lutas que devem ser tratadas por eles e elas. A distância percorrida pela luta negra é longa e, apesar da persistência do racismo – que é uma via de aniquilamento –, estamos aqui. Se reconhecemos a potência do racismo, reconhecemos também a potência destes elementos que nos permitem confrontá-lo. Esses elementos não estão na chave neoliberal. O desafio é convencer – as e os jovens – a romper esse pacto com o neoliberalismo, porque não estão na mesa pactuando, mas são apenas convidadas e convidados a participar dele. É necessário que desafiem esse acordo, que vejam e usem esses elementos.

Voltando ao ambiente político, há pactos que estão sendo visivelmente atualizados, mas, de certa forma, trazem algo novo que não é novo. É uma questão que eu não entendo. O que impede que o novo emergja? Ou melhor, o novo emergiu algumas vezes e foi violentamente aprisionado. Depositamos esperanças em mobilizações da juventude que usaram as redes sociais e foram rapidamente aprisionadas pela empresa, a exemplo do Twitter, que hoje pertence ao Elon Musk. O novo permitiu perceber a potência das ferramentas, aquele breve período que o novo usou as ferramentas para produzir foi efêmero. A empresa percebeu. A manipulação semiótica e de algoritmos foi construída para responder a essa força. Creio que estamos engatinhando nesta compreensão. O resultado do uso destas ferramentas nos escandaliza.

Voltando para o desafio da juventude, elas e eles precisam dar um nome a isso. A gente diz como tem sido, ou seja, o novo vai emergir daí, desnudando essas coisas.

"A distância percorrida pela luta negra é longa e apesar da persistência do racismo – que é uma via de aniquilamento – estamos aqui."

ORGANICOM – *O aniquilamento da juventude negra brasileira é concreto e se dá também nas subjetividades. Eu trabalho com juventudes e tenho observado que há uma virada, quando o jovem constrói um sentimento de pertença em uma comunidade. Como a nossa geração apoia a juventude nesse sentimento de pertença, em combate a essa ideia celebrativa de vitórias individuais, de poder de consumo, avançando no diálogo intergeracional na batalha individualista?*

JUREMA WERNECK – É necessário contestar o que precisa ser contestado. Por exemplo, a frase "a favela venceu" é de uma contradição absoluta, ela carece de sentido. É necessário falar de igual para igual com elas e eles, e assumir as responsabilidades nos seus enunciados políticos. Neste momento em que tudo é commodities, todo mundo é bacana. O desafio é como eles e elas mantêm sua estranheza. Enquanto milhões de pessoas estão passando fome, é ridículo dizer que a favela venceu. Muito pelo contrário. Isso é uma cortina de fumaça cruel para permitir barbaridades. É preciso reivindicar e garantir que a juventude participe no debate político como sujeito. Hoje a força dos estratégias é muito poderosa e coloca os jovens em uma situação vulnerável, capaz de cair em armadilhas sem críticas. E nós devemos estar em diálogo com eles e elas, mas sem ocupar todos os espaços.

ORGANICOM – *O novo governo do Brasil, que assumiu há cinco dias, está estruturando seus ministérios. Neste sentido, você aceitaria assumir o Ministério de Igualdade Racial, caso fosse convidada?*

JUREMA WERNECK – Se eu fosse convidada, o que não é uma possibilidade, eu penso que a atividade deste ministério deveria estar junto à presidência da República e eu explico o porquê. O racismo é um sistema e a presidência gerencia o sistema; enquanto a questão racial estiver limitada em um ministério, ela é um pedaço sem orçamento suficiente, não tem capacidade de enfrentamento. Trata-se de desconstruir o racismo, que requer a presença negra nas diferentes áreas administrativas, com o intuito de desmontar todas as ferramentas e processos do racismo.



Eu daria a responsabilidade para o presidente, que é capaz de garantir que os processos ocorram ao longo do tempo. Não existe uma nesga no Brasil que não tenha racismo. Se até o oxigênio que respiramos está impregnado de racismo, porque sabemos muito bem quais são as áreas mais poluídas e onde estão as árvores, há a necessidade de uma liderança potente.

ORGANICOM – De que forma a cooperação internacional pode contribuir – principalmente no diálogo de africanidades, de sul-a-sul – e ser estratégica para fortalecer articulações e ações de incidência, principalmente na pauta antirracista, na defesa dos nossos povos, mas também em defesa de nossos territórios? Como essas articulações internacionais podem fortalecer nossas ações de incidência política?

JUREMA WERNECK – Há dois níveis: um é a diáspora entre nós, e a outra, as institucionalidades dos mecanismos multilaterais das instituições globais. As instituições globais são organizações políticas muito atreladas aos Estados – e lidamos com elas como Estados, disputando-as e garantindo que elas ajudem, ou não atrapalhem. Que façam algo relevante. Isso é muito trabalhoso e caro, e o resultado é tímido. Mas precisamos dessas instituições multilaterais, globais e regionais – apesar de serem dependentes dos governos –, porque podem fornecer ferramentas. Mesmo que não cessem um genocídio, pelo menos criam um ambiente de desautorização – no limite que os Estados podem atuar, é claro. Já na dimensão da diáspora, o desafio como movimento social que vive a experiência da diáspora é encontrar pautas comuns para além do “somos todas contra o racismo”, e radicalizar, produzindo uma pauta de ação.

São experiências desiguais; a experiência da Jamaica, por exemplo, e de outros países do Caribe não se compara ao Brasil, no que se refere à vivência da diáspora. Por outro lado, diante da tragédia climática, o Caribe está sob extrema pressão, porque vai ser bastante afetado. Por isso, é necessário produzir radicalidade e garantir o que é nosso. O movimento produziu duas vice-presidentes da república: Colômbia e Costa Rica. Que ferramenta isso traduz? O que significam estas trajetórias? E as que não são governo vão fazer o quê? Precisamos radicalizar e construir uma pauta, porque a situação não está boa.

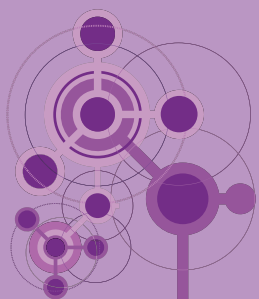
O Caribe vai desaparecer; sem esquecer que o Haiti é real e está isolado. Nem nós, da Anistia Internacional, servimos de apoio para o Haiti. Temos profundos desafios que precisam ser levados em consideração nessas articulações internacionais. Mas, por outro lado, a diáspora é onde recuperamos força. Tem uma outra dimensão que é muito importante, que precisa ser buscada.

“Esgarçar é a tarefa, tem que questionar e duvidar. A insurgência permanente é necessária.”

ORGANICOM – Como você vê possibilidades de reposicionar conceitos e o jogo político para além da nossa presença?

JUREMA WERNECK – Ocupamos espaço por uma razão, e este novo posicionamento real é uma ferramenta. A constituição de coletividades é mais ampla do que antes. É preciso que estas pessoas possam romper. Insistimos para que as pessoas entrassem na universidade não para que rendessem homenagem ao pensamento ocidental, mas para romper com ele, questionando-o e denunciando-o. Isso serve para construir outras ferramentas, para quem vem depois.

Quando participava de bancas sempre perguntava a estudantes: qual é o olhar novo que você traz? E, também, é importante que professoras e professores deem espaço para romper esse pensamento. Esgarçar é a tarefa, tem que questionar e duvidar. Quando fiz a minha tese, eu fiz uma tática de guerrilha na minha cabeça: citei apenas autores negros e, se citava algum branco, era para criticar – e, surpreendentemente, havia bibliografia. Isso é possível. A insurgência permanente é necessária. O Ocidente nos trouxe até aqui – negros, indígenas, ciganos. Colocou os judeus em uma chave inadequada. A academia parece que é o último lugar a fazer isso; um lugar que tem por objetivo pensar é quem mais me desaponta.



REFERÊNCIAS

HENRIQUE, Guilherme. A teia que eleva mulheres. *Ecoa*, 10 nov. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/jurema-werneck-a-teia-que-eleva-mulheres/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (org.). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2006.

Artigo recebido em 27/02/2023 e aprovado em 27/02/2023